

LEITURA E ESCRITA NA ACADEMIA – REFLEXOS DE UMA REALIDADE A SER DISCUTIDA

Miranilde Oliveira NEVES
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

Resumo: Propor uma reflexão sobre a prática de produção textual escrita com destaque para a importância da leitura e da interpretação diária e contínua na Academia constitui-se um dos principais objetivos do trabalho aqui apresentado. No decorrer deste artigo serão demonstradas as etapas do projeto de oficinas acadêmicas desenvolvidas nas Instituições de Ensino Superior Público de Tucuruí-PA: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, Universidade Federal do Pará – UFPA e Universidade do Estado do Pará – UEPA, além da metodologia aplicada, os objetivos do projeto e o mais importante: os resultados que foram obtidos através de uma concepção dialógica de estudo que valorizou teoria e prática na elaboração de textos acadêmicos produzidos pelos educandos – participantes do projeto “*Oficinas de Textos: como obter sucesso em produções acadêmicas*”. Para que este trabalho se desenvolvesse com êxito foram utilizadas como respaldo teórico, dentre outras autoras Délia Lerner e Irandé Antunes. Comprovou-se durante o período em que ocorreu o projeto que apesar de os estudantes universitários vivenciarem uma necessidade cotidiana quanto à qualidade e clareza de seus textos, na prática isso pouco acontece.

Palavras-chave: produções acadêmicas; leitura; oficinas de textos.

1. INTRODUÇÃO

Ler, interpretar, argumentar e produzir constituem ocupações nem sempre bem aceitas entre a classe acadêmica, pelo fato de exigir algo que deixou de ser cobrado nos ensinos fundamental e médio e determinadas vezes por não haver o incentivo necessário para que tais alunos produzam e leiam com qualidade textos variados. Além de todos estes fatores, nota-se também a ausência da didática adequada durante a exposição das aulas de várias disciplinas, dentre elas Língua Portuguesa, a qual é fundamental para o desenvolvimento oral e escrito em qualquer situação de comunicação. Entretanto, à medida que educador e educando se permitem refletir sobre a prática da leitura e da escrita dentro e além dos muros das instituições de ensino superior, abre-se um leque de expectativas e possibilidades de este universo fascinante da leitura conquistar acadêmicos com êxito. Foi a partir dessa reflexão sobre a importância da leitura que nasceu o projeto Oficinas de Textos: como obter sucesso em produções acadêmicas.

Os alunos participantes da pesquisa em foco pertencem ao Ensino Superior Público de Tucuruí, cidade localizada ao sudeste do Estado do Pará. Tais graduandos estudam diversificados cursos e níveis de ensino (1º ao último ano letivo). São estudantes de vários cursos – mais um desafio: conseguir reunir graduandos de Tecnologia em Saneamento Ambiental, Tecnologia em Redes de Computadores, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Educação Física, Enfermagem e Engenharias Civil, Civil e Ambiental, Elétrica e Mecânica e incentivá-los a mergulhar pelo caminho da leitura seguindo um planejamento comum para todos sem desmerecer nenhum de seus cursos.

É importante destacar que no decorrer deste trabalho, uma das maiores preocupações foi a metodologia apresentada ao lado das estratégias de leitura, que conseqüentemente contribuíram para uma escrita eficaz e competente por parte dos graduandos participantes da pesquisa.

O método utilizado nas pesquisas durante o projeto foi aplicação de questionários, os quais tinham o objetivo de diagnosticar as principais dificuldades dos graduandos tanto antes quanto após as oficinas ministradas, as quais deram destaque à produção textual e analisaram o processo de leitura dos acadêmicos ao longo da vida estudantil e o reflexo da ausência ou não de boas leituras e práticas de escrita no Ensino Superior.

Para fundamentar este trabalho LERNER e ANTUNES jamais poderiam deixar de ser citadas, visto que são elas pregadoras da importância da leitura e da análise de textos em nossos dias em qualquer idade ou nível de escolaridade e, portanto, relevante para o bom desenvolvimento da argumentação em qualquer âmbito e este era um dos desafios das oficinas – ter ao final do projeto alunos que pudessem ler, argumentar e produzir sendo senhores de suas ideias e afirmações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura, a argumentação e a produção são questões necessárias em qualquer âmbito e no meio acadêmico, exige-se cada vez mais a produção de textos científicos coesos, coerentes e que acima de tudo possam comunicar, dizer e aqui está a grande questão: como conseguir elaborar textos acadêmicos com qualidade e segurança em uma sociedade que apesar de ser

conhecida como comunidade da informação ainda convive com dificuldades que se justificam, principalmente, devido à falta do hábito de leitura?

Lerner (2002, p. 17,18) apresenta uma reflexão muito importante a esse respeito quando ressalta que

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é o objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos... O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas idéias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vista ou das propostas que tentam promover, para protestar ou reclamar, (...).

A proposta de LERNER é a ideal, porém a que nem sempre se vê em muitas escolas brasileiras. Várias escolas e educandos do contemporâneo ainda estão necessitando despertar para enxergar a gama de oportunidades que o hábito de leitura pode nos proporcionar.

O fato de o cotidiano exigir tarefas mais práticas, rápidas, o conformismo do ser humano em não buscar as próprias respostas para resolver seus problemas, permite que continuemos a conviver com uma gama de leitores acomodados e acríticos, os quais se satisfazem com uma leitura não interpretativa, analítica, ou seja, não conseguem ao menos sentir o sabor de um bom texto, o prazer de argumentar e de propor outras ideias. É desse leitor que estamos precisando; um estudante que busque o novo e transforme o velho sem permitir que a mensagem perca a sua essência.

Refletir sobre a leitura e a escrita científica não é tarefa tão simples, pois como destaca Antunes (2010, p.49) sabiamente em seu livro “Análise de textos: fundamentos e práticas”

Analisar textos é procurar descobrir entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação os

efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. (...).

Antunes defende com veemência a importância de instaurarmos em sala de aula a análise de textos escritos e orais que circulam nas várias atividades sociais – fator que se exigido no nível médio, poderia contribuir para uma maior qualidade na construção de textos acadêmicos.

É notório que muitos exercícios de compreensão e interpretação de textos não desenvolvem no aluno competências capazes de instigar a construção de sentidos e se sobressair positivamente em diferentes contextos de uso da linguagem e aqui está a grande questão: o que está escrito e por que o está, quais os fatores que norteariam os discentes a escrever, a escolher as palavras distribuídas no texto? Qual a coerência argumentativa presente no texto? O texto possui ou não uma linguagem científica? Estas, dentre outras indagações são necessárias nas Instituições de Ensino Superior, pois assim a qualidade dos textos indubitavelmente melhora.

Para escrever bem, portanto, é preciso que o educando conheça ao menos as noções preliminares sobre o texto, suas propriedades, é importante que seja instaurado o conceito de textualidade, o qual é fundamental no processo de comunicação, caso contrário não haverá nenhuma ação de linguagem.

Diante do exposto acima é válido destacar o conceito de texto segundo Antunes (2010, p.30) – “o que falamos ou escrevemos em qualquer situação de comunicação”. A autora ressalta os propósitos comunicativos do texto, visto que nenhum de nós fala sem objetivo, o que torna o texto uma sequência de atos e, portanto, uma atividade social. O uso significativo da língua só existirá dentro das relações pessoais e sociais.

No estudo do texto é importante lembrar que o texto se arquiteta a partir de um tópico, de um objeto, de uma ideia central ou de um núcleo semântico e a partir de então haverá continuidade e sentido.

Diante disso, nos questionamos: um conjunto aleatório de palavras não constituiria um texto? Com certeza não. Para ser considerado texto, segundo diversos estudiosos da

linguagem, é necessário que este tenha coesão, coerência, intertextualidade, informatividade, aceitabilidade, intencionalidade e situacionalidade. Antunes, porém faz uma subdivisão, considerando os quatro primeiros itens como propriedades do texto e os três últimos como condições de produção.

Antunes nos faz refletir sobre o papel que o professor de Língua Portuguesa tem na formação do aluno como cidadão e deixa nítido que muitas vezes o próprio professor não permite que transpareça para a sociedade essa importância, então as consequências disso são as imensas desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira: se a escola não alfabetiza, ela não forma leitores críticos, não amplia a visão de mundo nem tampouco dá o suporte que permita ao discente o poder de argumentar.

Nota-se, assim que a construção textual adequada ao mundo acadêmico depende de uma série de questões, mas necessita também da liberdade de escolha, como destaca Lajolo (2000, p. 108) quando diz que “A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro...”. Esta é a proposta que está faltando nas escolas e que iria contribuir durante a sequência de estudos do aluno para um aprendizado mais eficaz e prazeroso no que tange à produção, interpretação, argumentação e leitura de textos nas Instituições de Ensino Superior.

Portanto, somente a partir da reflexão daquilo que se produz e da avaliação sobre os resultados do que se produziu é que se poderá ter nas Instituições de ensino Superior graduandos escrevendo com mais autonomia, segurança e o melhor: produzindo, não mais apenas reproduzindo o que já está pronto. Como afirma Moita Lopes (2006, p. 30)

“(...) o grande desafio para a epistemologia de nossos dias é construir uma forma de produzir conhecimento que, ao compreender as contingências do mundo em que vivemos, possibilite criar alternativas sociais para aqueles que sofrem às margens da sociedade.”

Sendo assim, a questão fundamental a ser considerada é a pertinência e a relevância dos conhecimentos teóricos e metodológicos que utilizamos para pesquisar a construção de textos acadêmicos aplicada em um contexto de constantes mudanças. É importante que se pense: quem são esses sujeitos construtores de textos e que contribuição podem dar durante a

produção de seus textos acadêmicos? Esta é uma reflexão que se faz necessária entre construtores de textos e educadores.

3. METODOLOGIA APLICADA

O respectivo artigo adotou como principal foco a escrita e a leitura na universidade, embasando-se tanto em pesquisas bibliográficas quanto de campo por meio de oficinas de produção e leitura de textos que foram ofertadas a partir do projeto “*Como Obter Sucesso em Produções Acadêmicas*” dedicado aos graduandos de distintos cursos e diferentes semestres do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, Universidade Estadual do Pará - UEPA e Universidade Federal do Pará - UFPA.

A seleção dos participantes das oficinas acadêmicas foi realizada por meio da aplicação de questionários, nos quais os estudantes respondiam entre outras perguntas quais eram suas maiores dificuldades em relação à produção de textos acadêmicos e o interesse em participar das oficinas propostas. Após essa triagem diversas lacunas foram identificadas e apuradas para definição dos gêneros a serem trabalhados.

Foram compostas três turmas de alunos interessados em participar das oficinas, sendo uma de cada instituição participante, as quais seguiram o seguinte esquema de atividade:

Pesquisa e desenvolvimento da problemática	Definição das linhas de trabalho e público alvo	Aplicação de questionários e seleção de participantes	Seleção e definição do gênero a ser estudado e de participantes	Desenvolvimento Metodológico
Avaliação da qualidade de leitura e escrita na academia e leituras de autores de referência na área.	Definiu-se as atividades em forma de oficinas ofertadas a Instituições públicas (IFPA, UFPA e UEPA).	Os questionários foram elaborados e aplicados em 15 turmas da UFPA, 09 turmas da UEPA e 03 turmas do IFPA.	Os gêneros textuais mais solicitados foram o artigo e o projeto de pesquisa. Os participantes selecionados foram os que demonstraram interesse em melhorar a qualidade da escrita na academia.	Depois dos estudos e coletas de dados, a linha metodológica seguiu a linha prática das oficinas de textos, envolvendo leitura, construção, desconstrução e reconstrução de textos.

Após essa jornada, o roteiro das oficinas foi definido em uma semana de atividades.

O material escrito (apostilas) foi elaborado antes e durante as atividades de forma dinâmica, ou seja, no decorrer da execução das propostas de atividades, pois desse modo as explicações tornar-se-iam mais produtivas e assim atenderiam às necessidades dos graduandos.

Em cada oficina trabalhou-se com dinâmicas de grupo, vídeos de motivação e slides relacionados às dificuldades e sucesso quanto à produção de textos acadêmicos, dessa forma, criou-se um clima de descontração e liberdade nos dois primeiros dias, o que tornou as demais oficinas muito produtivas. Os participantes puderam retirar diversas dúvidas, dentre elas a escolha de temas para um artigo, uso adequado da gramática, como iniciar ou concluir um artigo, como tornar mais eficaz um projeto de pesquisa, e outras dúvidas que certamente proporcionarão mais qualidade aos textos dos acadêmicos participantes do projeto.

Os questionários preenchidos demonstraram que grande parte dos estudantes não tem intimidade com a escrita científica, e alguns até surpreenderam-se com a apresentação da Associação Brasileira de normas técnicas (ABNT), mesmo os que estão cursando o último ano de seu respectivo curso. Notou-se por esse motivo, um grande receio por parte de alguns participantes a partir do momento em que os textos escritos começaram a ser solicitados, pois além do obstáculo relacionado à gramática, havia o medo de expor as próprias ideias.

Os questionários revelaram um problema corriqueiro que se ocasiona devido principalmente à falta de leitura e falta de exercício da escrita, os estudantes assumiram que só realizam leituras e pesquisas quando solicitado ou que nunca produzem textos nas Instituições onde estudam, porém alegaram alguns pontos a serem refletidos, como por exemplo, a falta do ensino de língua portuguesa no ensino superior e no caso dos cursos de Engenharia da UFPA – Universidade Federal do Pará, até os últimos dias desta pesquisa, não tinham ao menos Metodologia Científica na composição curricular.

Muitos graduandos comentaram a necessidade de estudar gramática, a metodologia de ensino e a urgência em mudança na *grade curricular* de seus cursos, pois os graduandos acreditam que esses sejam os principais motivos da crise da escrita na universidade. Os estudantes de engenharia, por exemplo, criticaram que seus cursos direcionavam-se apenas

para a área das ciências exatas, deixando à parte textos de pesquisa e opinião, mas que, ao final do curso eles seriam obrigados a apresentar seus trabalhos de conclusão de curso.

Em relação ao IFPA, pelo fato de os graduandos ainda estarem cursando o primeiro semestre dos cursos, resolveu-se trabalhar com projetos de pesquisa e resenhas, o que foi bastante produtivo segundo os participantes.

Na UEPA – Universidade do Estado do Pará foram produzidos pequenos artigos, e na tentativa de proporcionar melhor compreensão quanto à elaboração dos textos, adotou-se a técnica de após as correções devolver os textos aos alunos e solicitar que eles reescrevessem-os analisando as suas principais dificuldades.

Sabe-se que as dificuldades de produção textual não podem ser sanadas imediatamente, pois tudo depende de um processo de leitura, análise, construção e reconstrução textual, porém proporcionar um trabalho dinâmico e questionador a esses estudantes permitiu um encontro com respostas para perguntas que antes não se tinha, as quais podem contribuir para o desenvolvimento eficiente daqueles que se interessam em promover uma mudança real e abrangente no estudo da escrita acadêmica.

4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

No decorrer do projeto primeiramente elaborou-se um questionário para fazer uma sondagem da real situação dos graduandos e somente assim conseguir elaborar oficinas que pudessem suprir as necessidades de cada um, foram aplicados um total de 265 questionários anteriores às oficinas valorizando-se questões como: faixa etária, o gosto pela leitura e escrita, a frequência do hábito de ler e produzir textos acadêmicos, dificuldade em produzir textos e se a grade curricular dos cursos que frequentam tem dado a devida atenção à produção escrita.

A faixa etária foi analisada com o intuito de sondar a idade que os alunos estão frequentando o nível superior, se há diversidades ou não. Saber como a população acadêmica de Tucuruí está se comportando em relação à educação se estão, tentando, por exemplo, mesmo que não tendo oportunidade cedo, entrar em uma universidade e formar-se em um curso de graduação.

Segundo a pesquisa chegou-se à conclusão mostrada na figura 1. Dentre as universidades pesquisadas a maioria dos alunos com a faixa etária menor: entre 16 a 21 anos estudam na Universidade do Estado do Pará (UEPA) e a maioria dos graduandos que possuem idades entre 25 a 50 anos estudam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), já a Universidade Federal do Pará (UFPA) concentra a maior parte de estudantes com faixa etária média de 22 a 24 anos.

Figura 1

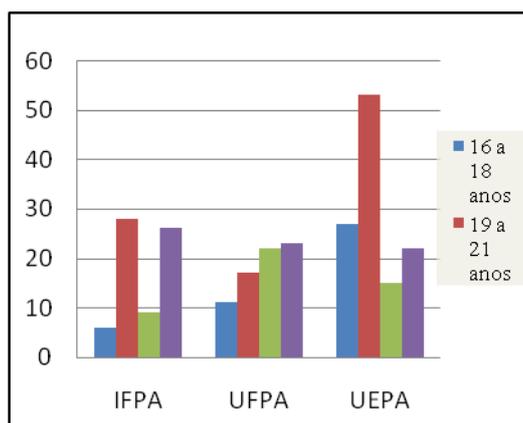


Figura 1. A faixa etária entre os graduandos das universidades públicas de Tucuruí-PA varia de 16 a 50 anos, apesar de a maioria dos alunos terem entre 19 a 21 é significativo o segundo lugar para os estudantes entre 25 e 50 anos.

Pode-se observar na figura acima que apesar das dificuldades do cotidiano, questões familiares, trabalho e o tempo de ausência das salas de aula, muitos graduandos estão aproveitando as oportunidades, não desistindo de buscar uma capacitação profissional. A vida corriqueira nos dias atuais é também um fator que influencia bastante na boa produção textual e leitura dos alunos.

A elaboração de oficinas voltadas à produção de textos na academia não poderia deixar de investigar o interesse dos graduandos em relação à leitura e a escrita, qual a sua posição em relação aos métodos de aprendizagem, se eles o estão utilizando ou ainda não possuem o hábito de ler ou escrever preferindo ainda outros meios, mesmo que eles estejam frequentando uma Instituição de Ensino Superior.

Na figura 2 observa-se que nas três universidades, apesar de a maioria dos graduandos gostar de ler e escrever uma boa parte dos alunos – 61 no total, ainda não possuem o hábito de leitura e escrita, fato que deve prejudicá-los bastante no momento em que necessitarem produzir um texto.

Figura 2

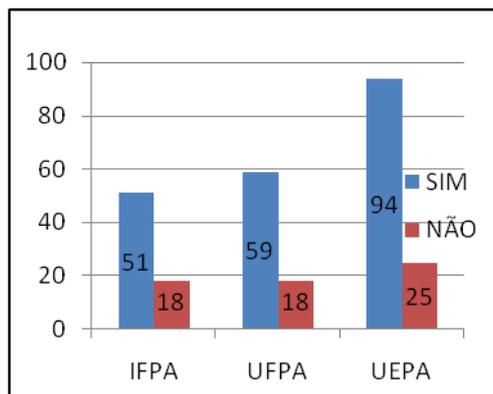


Figura 2. Resultado da análise sobre o gosto pela leitura e escrita dos graduandos, sem referir-se somente a textos acadêmicos. Nos três Campi a maioria dos alunos, cerca de 77% gostam de ler e escrever.

Após o questionamento sobre o gosto pela leitura e pela escrita também se discutiu com que frequência eles costumam praticá-los, se é de forma intensa, mediana ou baixa. O intuito era saber se os universitários têm consciência de que esse hábito é fundamental para o bom desenvolvimento do saber e principalmente para esse momento educacional que estão vivendo, pois precisam produzir textos e na maioria das vezes sem o menor auxílio de um professor de Língua Portuguesa.

Segundo as repostas dos próprios alunos é possível analisar no seguinte gráfico – *figura 3* – que a maioria dos entrevistados leem e escrevem com alta frequência, no entanto, esse número não é superior ao quesito média e baixa que representam juntas aproximadamente 53% do total de 265 alunos. Em todos os campi não houve tanta diferença em relação ao hábito de ler e escrever, apenas na Universidade Federal do Pará foi possível observar que a maior parte dos alunos possui baixa frequência de leitura, a qual é superior à média e aproxima-se muito da alta.

Figura 3

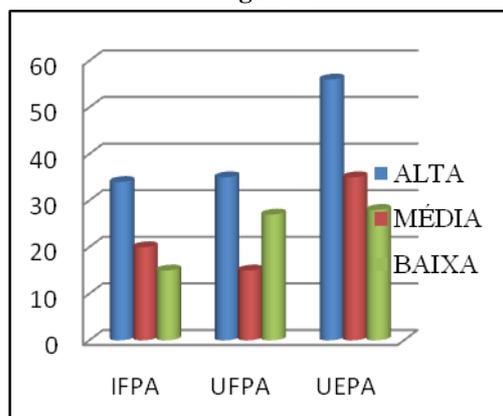


Figura. 3. Gráfico representativo da frequência de leitura e escrita dos graduandos. A maior parte – um total de 125 alunos leem e escrevem bastante, 70 estudantes moderadamente, outros 70 universitários raramente o fazem.

Analisou-se também antes das oficinas a frequência com que os acadêmicos leem e produzem textos e se o fazem por interesse de estudar e aprender ou simplesmente por necessidade ou obrigação.

Através das respostas coletadas nos questionários referentes à produção e à leitura de textos acadêmicos a maior parte dos estudantes, principalmente no Instituto Federal do Pará, respondeu que o fazem obrigatoriamente quando é uma exigência de alguma disciplina – acompanhado dos outros campi formou uma maioria com 109 alunos, já outros 78 graduandos das três Instituições de ensino raramente analisam ou escrevem esse tipo de texto e apenas 74 entrevistados estão dedicando-se a essas atividades com o intuito de amenizar suas dúvidas e passar a produzir bons textos acadêmicos. Como se pode observar na figura-4.

Figura 4

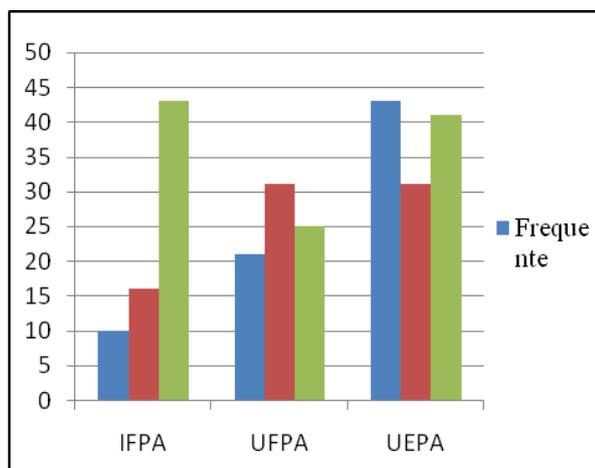


Figura. 4. Representação gráfica do interesse dos graduandos em produzir e ler textos acadêmicos o que mesmo sendo uma boa maneira de aprender a produzir bons textos ainda não é bem visto pela maioria que o fazem somente quando é obrigatório.

Entre outras perguntas questionou-se sobre a grade curricular dos cursos, se estas estavam dando a devida atenção à Língua Portuguesa e à Metodologia Científica com a intenção de saber se realmente se os cursos estão preparando os estudantes para produzirem bons textos principalmente o tão exigente Trabalho de Conclusão, a respeito do qual muitos alunos ficam totalmente desorientados quanto às exigências das normas técnicas brasileiras ou de suas próprias Instituições.

Segundo os dados da Figura - 5 a maioria dos graduandos – um total de 159 concordam que o seu curso não tem dado a devida atenção à Língua Portuguesa, entre esses a maioria são estudantes da UFPA que na cidade de Tucuruí possui apenas cursos de Engenharias e apesar de exigir dos alunos textos acadêmicos, eles se sentem bombardeados com tanto cálculo e um pouco perdidos quando precisam produzir um texto e principalmente o trabalho final de curso. A UEPA também sente essa necessidade apesar de mais amena, já no IFPA a maioria dos alunos estão sentindo que seus cursos estão dando a devida atenção a esse quesito.

Figura 5

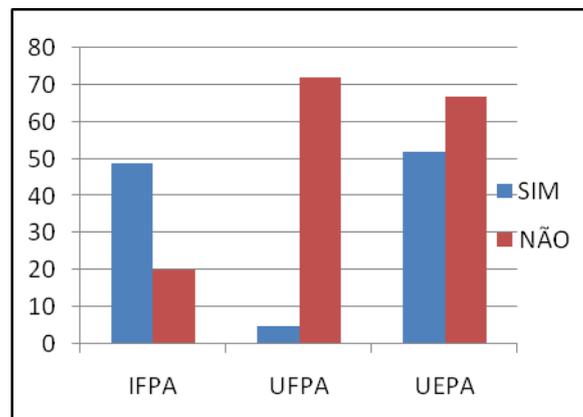


Figura. 5. Em relação à Língua e à Metodologia Científica a maior parte dos graduandos diz que seus cursos poderiam prepará-los melhor.

Ao final das oficinas foi aplicado um questionário aos alunos participantes para saber se eles se identificaram e se conseguiram sanar suas dúvidas, como avaliavam seu conhecimento depois de participar e qual a avaliação deles sobre as oficinas.

Em relação às oficinas dos 65 participantes, ou seja, 99% responderam ter gostado de participar. A Instituição que teve o maior número de participantes foi o IFPA e o menor a UFPA. Como demonstra a figura 6.

Figura 6

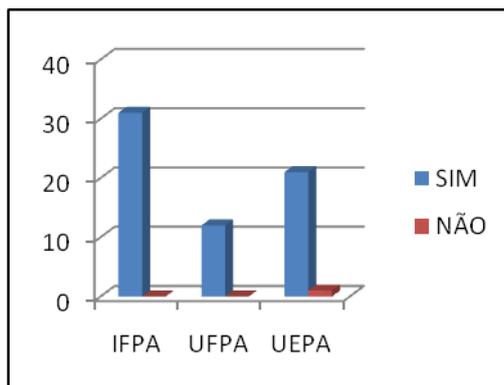


Figura 6. A maior parte dos alunos dos três Campi gostou de ter participado das oficinas

Investigou-se entre os alunos que frequentaram as oficinas se elas tinham os ajudado a retirar suas dúvidas. Segundo suas respostas a maioria, 63 alunos conseguiram esclarecer suas dúvidas e aprenderam como obter sucesso em produções acadêmicas, no entanto 2 estudantes, devido ao tempo, ainda terminaram o curso com dúvidas.

Somente saber que os graduandos se identificaram com as oficinas ou tiraram suas dúvidas não era o mais importante, era necessário averiguar se esses estudantes estavam agora preparados para colocar em prática o que lhes fora transmitido. Analisou-se então que 100% dos partícipes estão preparados a praticar em suas produções acadêmicas o que aprenderam.

Por fim, os alunos avaliaram as oficinas e esta na concepção dos participantes foi classificada entre os níveis bom e excelente. As turmas da UFPA e do IFPA na maioria consideraram excelente, já na UEPA metade avaliou o projeto como bom e metade excelente.

Portanto, pode-se avaliar que este foi um projeto que não alcançou um grande período de tempo nem uma imensa quantidade de graduandos, mas os que participaram sentiram-se beneficiados e consideram necessárias as oficinas para o sucesso de suas produções acadêmicas em seus cursos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que este trabalho foi concluído seria uma inverdade, pois ao final do projeto, percebeu-se que as oficinas, independente do curso, da Instituição de Ensino, do módulo em

que o graduando está cursando, do perfil do currículo que se trace, são necessárias e fundamentais no que tange à boa escrita.

A mensagem final de cada turma participante do projeto foi que é preciso acontecerem outras iniciativas de incentivo à leitura e à escrita nas Instituições de Ensino Superior porque este pode ser um passo significativo quando o assunto é se expressar bem.

Não existem fórmulas, não há receitas prontas, o que o estudante do ensino superior precisa é de ação – atualizar-se, praticar com mais afinco o seu código verbal – a Língua Portuguesa, seja na oralidade ou na escrita, aprimorar sua leitura e tomar conhecimento das normas necessárias a cada gênero de produção.

O fato de inserir graduandos de outras Instituições nesse projeto permitiu que refletíssemos a respeito das necessidades de outros e analisássemos como a escrita e a leitura vêm sendo consideradas nas turmas dos cursos superiores no Município de Tucuruí – PA.

Realizar o mapeamento sobre como os estudantes universitários constroem seus textos, o que consideram mais difícil, o que pode fazê-los melhorar, permitiu que pensássemos que é possível aperfeiçoar nossa metodologia, propor mudanças na grade curricular de certos cursos – como o das Engenharias, por exemplo, que supervaloriza cálculos abandonando os estudos do texto e o melhor: ajudar a comunidade acadêmica em sua caminhada para assim conseguir o tão sonhado sucesso nas produções acadêmicas.

O mais importante em uma pesquisa é que os partícipes das práticas sociais sejam chamados a opinar sobre os resultados de uma pesquisa e também é válido saber desses participantes se as questões identificadas são válidas para eles.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MOITA LOPES, L.P. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado**. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar (org.)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2002.